

A DISCUSSÃO

SEMANARIO REGENERADOR

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares
REDACÇÃO E ADMNISTRAÇÃO—R. DA PRAÇA

Proprietario e Editor

ANTONIO MENDES DE VASCONCELLOS

IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

Rua de Passos Manoel, 211 a 219—Porto

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis.
Annuncios permanentes, contracto especial.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 17 de junho

A OBRA DO GOVERNO

Decorridos nove mezes, que tem feito o governo? Nada, absolutamente nada que represente beneficio para o Paiz. Duas questões, e essas magnas, absorviam a atenção publica, quando foi chamado aos conselhos da corôa o ministro da presidencia do snr. Luciano de Castro: o *contracto dos tabacos* e o *desforço á reparação do desastre das nossas armas em terras africanas*. Pois essas questões, para cuja solução ninguem regatearia auxilio e até secundaria os esforços do governo, sem embargo da quietude que ultimamente se tem observado, mesmo por parte da imprensa, continuam no mesmo pé e nada faz acreditar que o governo desperte do seu marasmo para se dedicar ás soluções que a honra e o brio nacional exigem. O momentoso problema da vindicta aos *cuamatas* prolonga-se, estende-se, addia-se indefinidamente com grave risco da soberania portugueza nas plagas africanas; e o não menos momentoso problema do *contracto dos tabacos*, para cuja renovação se pediu á corôa o addiamento das camaras, continua dormindo o somno dos justos e coisa alguma nos auctoriza a suppôr que o governo se resolva a encarar a serio esta magna questão.

Por um lado, a honra nacional e os direitos de soberania periclitantes, por outro, o resurgimento economico-financeiro do Paiz, para o qual tão azada oportunidade se apresenta, em risco de submergir-se no vasto pelago do proteccionismo escandaloso dispensado ao grupo de banqueiros que habilmente souberam concertar-se com a companhia dos tabacos. Eis o que o governo ha feito n'este já relativamente longo periodo de poder !!!

Mas não. Se por um lado se tem posto de parte e descurado as questões vitais do Paiz, por outro o governo ha evidenciado a sua faina.

As perseguições politicas e as benesses de despachos largamen-

te distribuidas pelos seus apaniguados, manifestadas aquellas na decapitação, com odiosas excepções, dos commissarios regios, na guerra acintosamente movida a diversos empregados e nas luctas de Chaves, e reveladas estas nas columnas sempre prenhes do «Diario do Governo», reclama quanto pôde e deve o Paiz esperar de um governo que já se recompôz duas vezes e que sómente tem sabido crear attrictos no seio do seu partido, inactivando homens da mais elevada envergadura pelo horroroso crime de se insurgirem contra indecorosas negociatas que enodoariam os seus nomes se a ellas dessem assentimento.

Eis a obra do governo, cuja inhabilidade sobre negocios administrativos e cuja impaciencia sobre vindictas politicas brevemente o farão baquear.

Collegio de Santa Maria

III

Todos os que conhecem o nosso temperamento e o nosso feito, adversario irreconciliavel com tudo que cheira a zumbaias e a salama-lêks, nunca nos ageitando a ventilar o incensario das louvaminhas proezas e dos encomios fingidos, ridiculos e baixos, hão-de crêr de boa vontade que não escrevemos por informações ou por suggestões, mas sim por convicção, filha da verdade, unico norte que nos orienta a penna, unica estrella que nos guia na nossa já longa vida de escrevedor.

Não, nunca amoedamos a nossa pobre penna. E' pobre, mas honrada; é pequena, mas verdadeira, e de honrada e verdadeira tem feito sempre gala, e com tal brazão ornada ha apparecido em publico a terçar armas em defeza da verdade e do bem.

Portanto devemos ser tidos como insuspeitos n'estas ligeiras apreciações, que aqui fazemos de corrida, sobre o joelho, porque mais tempo não temos.

Depois do que havemos dito, não será muito avançar que os paes que querem prestar uma educação acurada a seus filhos, e que querem viver descansados sobre a sua applicação e bom procedimento, devem preferir os collegios que, como o de Santa Maria, da cidade do Porto, include nos numeros do seu programma um que é completamente indispensavel para a formação da juventude—a educação religiosa.

Sim, eu quero a instrucção, porque ella é o sol que espanca as trevas da ignorancia, é a luz que desentenebrece espiritos anitecidos pelo erro, mas quero essa instrucção caldeada na e iucação religiosa, que é a espada d'Alexandre, que corta as gramalheiras da escravidão, é o fogo que desolda as algemas do crime, é o leme que dirige os corações na direcção do bem, é a pedra magico de transformar feras em homens, criminosos em arrependidos, pecadores em justos e justos em santos.

Sim, só a instrucção não satisfaz. Em vez de produzir fructos beneficos, pôde converter-se em arma terrivel contra todos, mesmo contra os venerandos auctores de seus dias.

Instruidos eram Ravachol, Caserio, Angiotillo e Miguel Artal, e morreram ás mãos herculeas de carrascos, porque, educados n'um meio onde era considerada perigo a entrada dos ensinamentos religiosos, pretendiam libertar a sociedade *dos seus inimigos*, que, diziam elles, são todas as pessoas que encarnam o principio da auctoridade.

Não satisfaz a instrucção só. Em logar de representar um beneficio, como a muitos se affigura, é um verdadeiro perigo, como poucos julgam.

Dizia Malhão que d'um homem similar não se approximava sem temôr, e sempre fugiria com espanto.

A prática, que é a verdadeira escola da vida, tem-no affirmado milhares de vezes, com esses factos que os argumentos, por mais bem architectados que sejam, não são capazes de enfraquecer, quanto mais de destruir.

A luz tanto alumia a hedionda caverna do salteador, como a nave sacrosanta do tabernaculo. Na mão de Diogenes busca um homem para o magnificar e impô-lo ás turbas assombradas; na mão de Judas busca um Deus para o atraiçoar e arrastal-o a infamante supplicio.

Posto isto, o que deve fazer um Pae que quer preparar um bom futuro para o seu filho, que deve amar como a fibra mais intima do seu coração, como o pedaço mais querido da sua alma? Deve investigar quaes são os collegios que, a par d'uma instrucção solida, ministrada por professores habilitadissimos, forneça uma educação francamente religiosa, onde, ao passo que enriquece o espirito com as luzes da sciencia, locupleta o coração com as riquezas da virtude christã.

Deve procurar um collegio, onde a par d'uma vigilancia constante, exercida paternalmente, se encontre individuos, que se saibam impôr pelo respeito e se imponham pelo amôr a todos os collegiaes, individuos, que, investidos no espinhoso cargo de superiores, não saibam nunca abusar da sua posição em detrimento da boa disciplina e do

bom nome do collegio, e que posam, quando reprehendem ou castigam faltas, apontar para si, apresentar-se como exemplos. Sim, deve procurar um collegio onde a palavra, que é prata, como dizia um grande pensador, seja dicta por quem a confirma com o exemplo, que é ouro, porque como dizia o nosso grande Padre Vieira, palavra sem exemplo é tiro sem bala; explode, mas não fere.

Deve procurar um collegio, cujos professores saibam por experiencia d'annos conhecer as inclinações dos alumnos para as secundar, quando boas, e para as reprimir quando más.

Deve, emfim, procurar um collegio, onde os superiores mirem não ao interesse mesquinho, como qualquer Harpagão de segunda classe, mas ao cumprimento exacto dos seus deveres, mas ao bem do alumno, lembrando-se sempre que um pae faz quicá uma somma avultada de sacrificios para o poder conservar no collegio, para lhe dar, um dia, uma posição honrosa no meio da sociedade.

A todos estes requisitos satisfaz cabalmente o collegio de Santa Maria, da cidade do Porto, e portanto pôde ser affoutamente procurado e a outros preferido pelos paes, que aos seus filhos querem dar não só a instrucção, que envaidece e incha orgulhosamente, mas tambem a educação religiosa, que nos faz conhecer a nós mesmos, que nos recorda o nosso destino no tempo e na eternidade, e que nos ensina os deveres para comnosco, para com os homens e até para com o proprio Deus.

Pelo que sei, pelo que vi e pelo que ouvi a paes que alli têm seus filhos, julgo prestar um grande e relevante serviço a todos os paes que destinam os seus filhos a carreiras litterarias, inculcando o collegio de Santa Maria, da cidade do Porto, como um collegio modelo, quer pelas condições hygienicas em que está construido, quer pela solida instrucção que n'elle se ministra por parte d'um pessoal habilitadissimo, quer pela educação germinamente religiosa, que aos alumnos se presta sem os bôcos da hypocrisia, e quer finalmente pelo amor com que são tratados todos os meninos, sem distincção e sem excepção.

S. Vicente de Pereira.

Abb. V. e Mattos.

NOTICIARIO

Associação de Socorros Mutuos

Ao darmos a primeira noticia quando, em novembro do anno passado,

HORA grupo de rapazes iniciaram os trabalhos para a fundação d'uma associação de soccorros n'esta villa, iniciamol-os a proseguir nos seus louváveis projectos, e finalisamos essa local pouco mais ou menos com estas palavras: — «oxalá a sua iniciativa d'hoje seja amanhã um facto».

Assim succedeu, felizmente. E' hoje um facto a iniciativa d'então: existe e já está installada legalmente em Ovar uma associação de soccorros mutuos. Houve muito quem duvidasse em vêr concluido o edificio d'este grande melhoramento economico-social, ao abrirem-se-lhe os alicerces e dar-se mãos á obra, porque os obreiros eram pequenos e inexperientes e se suppunha faltaria o material. Porém não foi assim. A pequenez e inexperiencia d'aquelles triumpharam, graças á sua inquebrantavel boa vontade; e o material, que era o povo, não faltou tambem.

Dizia-se que o povo vareiro não tinha a não associativa e, devido a isso, em Ovar não se veriam já mais sociedades em que os interesses se mutuem, os soffrimentos se mitiguem, os pesares se confortem, as calamidades se remedeiam e a instrução se propague. Puro engano! O povo, no seu rude labutar, adquire a experiencia de que deve existir o auxilio mutuo-moral ou material entre os homens e que da união provém a força. O que falta é iniciativa, porque, a nosso vêr, todas as empresas se levarão a cabo em Ovar, contanto que sejam boas e uteis. Assim se tem a prova com a iniciativa d'esse grupo de synpathicos rapazes que deitaram hombros a uma obra proveitosa e que acabam de vêr coroados de bom exito os seus esforços, installando a *Associação de Soccorros Mutuos Ovarense*, no dia 13, dia em que a Igreja commemora um compatriota nosso. A elles, pois, prestamos o preito da homenagem que se deve a quem se devota á causa commum, desejando que a sua obra prospere e floresça.

Como foi annunciado, effectuou-se no preterito domingo a eleição dos corpos gerentes d'esta associação, sahindo eleitos os seguintes associados: *Assembleia geral*—Presidente, Dr. João Maria Lopes; vice-presidente, Celestino Soares d'Almeida. *Direcção*—Presidente, Antonio Valente d'Almeida; vice-presidente, Amadeu Peixoto Pinto Leite; secretario, Manoel Augusto Nunes Branco; vice-secretario, José Gomes da Silva Bonifacio; vogaes, Francisco Dias de Rezende e Antonio da Cunha Farraia; supplentes, Joaquim Antonio Lagoncha e Francisco Pinto Calatão. *Conselho fiscal*—José Rodrigues Figueiredo, Francisco Maria d'Oliveira Ramos, Evaristo Valente, Antonio Maria Valente Pereira Rosas e Manoel Coelho da Silva; supplentes, Carlos Ferreira Malaquias e Antonio d'Oliveira Salvador, os quaes, em sessão de terça-feira, escolheram para presidente o 1.º e secretario o 2.º

Na terça-feira teve logar a installação official da Associação de Soccorros Mutuos Ovarense, a qual foi festivamente inaugurada e correndo as despesas com esta festa por conta da commissão installadora.

Das 7 ás 9 horas da manhã a philarmonica Boa-União que gratuitamente honrou esta festa, tocou em frente á séde da Associação varias peças do seu repertorio. A's 11 foi dada a posse aos eleitos e, findo o acto da posse, o snr. Luiz de Lima, regente da Boa-União, offereceu gentilmente á direcção um hymno por si composto e dedicado á Associação, tendo n'uma breve allocução penhorantes palavras de enaltecimento para a idéa associativa e terminando com a execução do hymno. D'ahi, se-

guiu-se para o theatro onde se realisou a sessão solemne, que foi regularmente concorrida. Presidida pelo dr. Salviano Cunha e expostos os fins da sessão, usaram da palavra os snrs. dr. José d'Almeida, dr. Pedro Chaves, Antonio Valente e dr. Salviano Cunha. Primorosamente os oradores enalteceram o principio associativo, estabeleceram com fluencia e vigor a fecunda e fertil accção da Associação como elemento de progresso, de economia publica, de harmonia e de geral interesse.

Terminou entusiasticamente a sessão com um viva unisonamente correspondido á novel Associação. Durante a tarde, em frente á séde, a mesma philarmonica executou alguns trechos do seu selecto repertorio e á noite realisou-se o espectáculo em beneficio da nova Associação. Engalanado a capricho e concorrido, tinha o aspecto das grandes noites de festa. O espectáculo decorreu animadamente, sendo todos os interpretes da comedia—*O Tio Padre*—calorosamente applaudidos. Diremos que bem mereceram os applausos do publico, pela maneira de viveza e colorido que a velha e pacatissima peça teve no palco do nosso theatro.

Assim terminou aquelle dia de festa, que ficou marcando para Ovar uma nova data de resurgimento.

Festividades

Realisou-se effectivamente no passado domingo e segunda-feira no logar de S. Donato a festividade da Senhora da Ajuda, cujos arraiaes estiverem muito concorridos.

As musicas que n'esta festa tomaram parte—Ovarense e Boa-União—mantendo-se á altura de seus creditos, foram muito apreciadas e applaudidas.

Tambem na sua capella da Praça se effectuou terça-feira a festividade em honra do Thaumaturgo Santo Antonio, havendo missa solemne a grande instrumental de manhã e novena de tarde. Prêgaram-se tres sermões e todos agradaram sobremodo. A ornamentação do templo estava feita com muita simplicidade, mas apesar d'isso primorosa e interessante. N'esse dia foi estreada uma primorosa alampada de prata, offerta do snr. Victorino Alves Ferreira em cumprimento de promessa.

Assistiu a capella Ovarense. E' hoje que tem logar, proximo a Arcozello, a popular romaria do Senhor da Pedra. Se o tempo o permittir, é natural que a ella concorra como do costume, grande numero de romeiros d'esta villa, e á tarde afluam á estação do caminho de ferro muitos passeantes a assistir ao desembarque d'aquelles.

Juros d'inscrições

Começam a ser pagos no proximo dia 20 na recebedoria d'este concelho os juros d'inscrições relativos ao primeiro trimestre de 1905. Pedem-nos para que avizemos o publico de que esse pagamento deverá estar concluido no dia 28, visto serem santos os dias 29 e 30. Ahi fica pois feito o aviso aos juristas.

Espectaculo

Dedicado á classe commercial d'esta villa, realisou-se amanhã, 19, no nosso theatro, um espectáculo dado pela afamada companhia do Theatro Carlos Alberto do Porto,

sob a direcção do distincto e já entre nós bem conhecido actor Oliveira. Sob a scena uma engraçadissima comedia em 3 actos de Sá d'Albergaria — *Domingos, Dias Santos & C.ª*, cuja distribuição é a seguinte:

Domingos, commerciante . . .	E. Fernandes
Dias Santos, seu socio . . .	José Alves
Belchior, guarda-livros . . .	Firmino
Thadeu, seu ajudante . . .	Oliveira
Gusmão, caixeiro . . .	Rubim
Gualberto, filho de Dias Santos .	Ernesto do Valle
Gracinda, creada de Domingos .	Maria Pinto
Gervasia, mulher de Domingos .	Maria Christina
Ilda, sua filha . . .	Pepita d'Abreu
1.º caixeiro . . .	Arthur Silva

Pela boa reputação de que a companhia vem precedida e pelo facto de á hora a que escrevemos, já estar passada grande parte da casa, é de presumir para o espectáculo de amanhã uma enchente.

Os bilhetes estão á venda no estabelecimento commercial do snr. Arthur Ferreira.

Notas a lapis

Partiu no dia 14 para a Curia, afim de fazer uso d'estas aguas, o nosso amigo José Luiz da Silva Cerveira. Desejamos allí encontre linitivo para os seus padecimentos.

Com sua esposa regressou quarta-feira do Porto, onde foram passar alguns dias e assistir aos annos de seu pae, o nosso illustre amigo Dr. Gonçalo Huet de Bacellar.

Fizeram annos no dia 13, o snr. Antonio Pereira Carvalho, no dia 15 o snr. Dr. João d'Oliveira Baptista e hoje o snr. Luiz de Lima. Parabens.

Chegou ha dias de Manaos o snr. José Maria Pinto Catalão.

EM COIMBRA

A Baltasar Ribeiro

Cá fóra, quando sahimos, eu respirei com o alivio e o contentamento que nos deram as boas palavras de esperança—tão affectuosas e animadoras do dr. Padua.

E subindo as ruas ingremes da cidade, ao belo sol acaiciador e brando, iamnos gostosamente conversando d'aquelle que a doença prostrára num leito acanhado e duro, numa tão linda idade em que se espera a fortuna e a elisea aventura do amôr; edade em que se creê no futuro e em que a vida é tão amada e tão ardentemente vivida.

Sim—como ele tão recto e metodico, espirito tão impregnado de sensibilidade e de poesia, intellectrico e bom, —sabia amar deleitosa e delicadamente a sua vida clara e sonora de estudante. . .

E subindo, subindo sempre para a velha rua da Trindade que foi o calvario da minha mocidade e da minha vida, subindo mais tranquilos, cheios de esperança; como nós conversando idealisava mos infantilmente a cura, a salvação do enfermo amado; e como nós o viamos tão cedo entre a familia e os irmãos, entre os amigos, tecendo novas coroas de rosas á esplendidez sacra dos annos da mocidade vivida em sonhos, nos intervalos do estudo.

Devia sêr apossimadamente meio dia, o sol aqtecera no ceo limpido, reverberava no rio espelhento e mole fulvas e quentes lucilações prolongando-se estiradas na agua e rebrilhantes; a cidade sentiamos-la expectante e anciosa, anormal n'aquelle dia, tragica na revolta dos seus filhos, na sua fome sinistra; e uma grande pacificação, uma soberana tregua de calma subia do meu peito repousado e reanimado para a

claridade do vasto espaço, e para a indifferente serenidade das coisas.

Ah! meu amigo! meu bom! aquella hora de esperança, de confiança cega, guardo-a indelida na memoria—cristalina, doce, serena como ela o foi: é de todas as minhas recordações dessa epoca a mais serenamente evocada, porque bem o sabe, foi a unica então feliz. E se é com sacrificio imenso que a descrevo, isso explica-se pelo desengano terrivel que de tão perto, tão implacavelmente se lhe seguiu.

Devia sêr apossimadamente meio dia; nós subimos quase alegres até ao quarto, lá em cima,—aquele quarto soalheiro que ainda vejo são realmente como ele era, como ele foi para a minha angustia, para o meu sagrado terror inclemente;—logar de refugio e suplicio refrigerado com lagrimas; e vejo verdadeiramente, vejo atravez da nevoa bendita a meza simples de trabalho, singela e boa, os frascos de ergotina, as fotografias e fotografuras nas paredes brancas, um vidro partido na vidraça, a disposição do leito, a cadeira onde velamos horas afflictas de incerteza; e ouço, ouço com o mesmo som o tic-tac monotonico do relógio, as pancadas graves da moca, e, sobretudo, aquela pieira difficil, aquela opressão constante incomodando-o, sibilando como um refrain cynico da Marte de sentinela á cabeceira do leito, como um humorismo maldito, como um humorismo intoleravel, vilmente a rir-se sempre, a rir-se alto do amôr, da dedicação, da intelligencia e da vontade. . . velando em vão . . . esperando em vão. . . em vão lutando para reaquerer o pobre corpo magrinho, o amado corpo dolorido.

Serenamente o querido enfermo dormia; sahimos, fomos cautelosamente para a varanda esperar que acordasse do sono, ou que continuasse serenamente dormindo.

E' uma varanda espaçosa, largamente cheia de sol, com vistas amplas para os arredores bucolicos e pacificos; e de onde os olhos pisados de tanto choro e amortecidos da insonia pousavam pacificados na perspectiva grata das aguas claras, na linha poetica das serras que fechavam o horizonte da Beira, inacessiveis e abruptas; e na macia cor verde-negra e fresca de um grande e belo laranjal que lá em baixo, a dois kilometros, banhava os pés indolentemente no rio claro que, mansamente, com saudades, ia fugindo para o oceano profundo, bramindo as suas maguas eternas lá ao longe, além das campinas verdes.

E o meu pensamento seguia-as, quanta vez, ás aguas murmuras; mergulhava tambem no mar ignoto que as atraia de longe, e via numa penumbra de sonho, via o doente a meu lado, convalescente sobre as vagas, naquele largo oceano que iriamos cortando em cal naria num desses esveltos paquetes, tisnados ao sol dos tropicos; e que ia levar-nos ao som dos beijos da vaga, carinho-samente, á terra longinqua da Promessa, ao vergel lilaz da Saude.

As ondas! eu tinha ouvido revelações maravilhosas da sua força e da sua bondade motris, eu sabia de curas perfeitas trazidas aos pulmões desfeitos pelo iodo fortificante do mar, — e comovido de esperança eu apelava com ancia para esse elemento longinquo—que, no meu sonho, iamnos cedo cortando para a felicidade e para a vida.

Porque devéras via-me reanimado, uma fé viva e intelligente substituiu-se áquele desalento negro de ha pouco, e o mesmo doente amado, dormindo serenamente, acompanhava ritmico na sua respiração socegada a doce canção das palavras

boas do medico que me embalavam, me enfeitavam os ouvidos.

E era tão bom que ele vivesse! e que tornasse passado um ano sadio e forte a reocupar o logar que a sua intelligencia e o seu coração de ouro prometiam, era isso tão agradável, e tão justo era, tão bom—que o meu devaneio seguia convicto, certo d'aquilo que se não deu!

«Hade sarar, hade sarar», dissera o protector illustre e amigo, assim o dizia o companheiro affectuosissimo, assim o meu desejo o queria; pois não era assim, ó Baltasar, que falavamos, subindo á rua da Trindade, naquela manhã consoladora? e não era assim que, cerulea, a esperança viçava em nossas almas e só nos dava illusões?

—Na verdade—foi este, não foi?, o sonho que nós nutrimos naquella manhã de março, ao sahir dos lagos e feios corredores do Museu?!

Antonio Valente.

Do nosso presado collaborador e amigo José Peixe Sobrinho recebemos a seguinte circular a que gostosamente damos publicidade:

Centro Commercial e Recreativo 1.º de Janeiro—Esmoriz.

Aos nossos freguezes

E' para nós motivo de justa ufanía o bom acolhimento que os artigos do nosso estabelecimento tem tido, e prova-o exuberantemente o continuo e progressivo augmento das nossas vendas. Este feliz resultado é incontestavelmente fructo dos nossos perseverantes esforços na boa escolha dos generos e devido muito principalmente aos preços que fazemos excessivamente reduzidos. A preferéncia e distincção que dos nossos freguezes temos podido obter, e que profundamente agradecemos, é para nós incentivo, a fim de continuar trilhando o caminho que temos traçado, isto é: melhorar cada vez mais a nossa casa e servir os consumidores sempre com a maxima sinceridade e consciencia. Para norma de todos que quizerem honrar-nos com as suas estimaveis ordens—convidamos os chefes de familia a visitar o Centro Commercial e Recreativo 1.º de Janeiro e verificarão a modicidade em preços—quer em generos alimenticios, quer em outros artigos, taes como:

Cabedaeas, solas, ferragens, oleos, tintas, bebidas nacionaes e estrangeiras, etc., etc., etc.

Visitem, pois, o Centro Commercial e Recreativo 1.º de Janeiro!!!.. Esmoriz, 26 de Maio de 1905.

Peixe Sobrinho & Commandita.

Nota: Fazem-se vendas por junto e a retalho.

Annuncios

Editos de 30 dias

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Na comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Freire de Liz corre seus termos um processo de justificação avulsa requerido por Maria Gomes de Pinho, viuva, proprietaria, da rua da Fonte,

d'esta villa, no qual allega:— que, em nove de abril do corrente anno, falleceu, com testamento cerrado, D. Luzanira Augusta Dias de Carvalho, solteira, maior, da mesma rua da Fonte, sem ascendentes, nem descendentes, tendo instituido sua unica e universal herdeira a requerente, que era sua creada, com a obrigação de satisfazer os legados constantes do mesmo testamento:—que no espolio da fallecida existem, entre outros bens, os seguintes papeis de credito da divida consolidada interna de 3 %: um certificado do valor nominal de réis 50\$000, com o n.º 13:075; quatro inscripções do valor nominal de 100\$000 réis cada uma, com os n.ºs 96:426, 112:825, 112:826, e 112:827; quatro inscripções no valor nominal de 500\$000 réis cada uma, com os n.ºs 456, 41:274, 59:660 e 78:219, e oito inscripções do valor nominal de 1:000\$000 réis cada uma, com os n.ºs 27:493, 29:001, 35:381, 35:382, 35:383, 86:980, 100:323, e 122:232:—que a justificante é a propria Maria Gomes de Pinho, creada da fallecida D. Luzanira e por esta instituida herdeira, sendo, portanto, parte legitima para estar em juizo:— que, finalmente, n'estes termos, deve julgar-se procedente e provada a justificação, e por meio d'ella ser a justificante julgada a unica e universal herdeira testamentaria de D. Luzanira Augusta Dias de Carvalho, para todos os efeitos legais e especialmente para, em seu nome, serem averbados, na Junta do Credito Publico, os papeis de credito referidos. Por isso, pelo presente, correm editos de trinta dias, a contar da segunda publicação d'este no «Diario do Governo», citando os interessados incertos que se julguem com direito á herança, para na segunda audiencia d'este juizo, findo o prazo dos editos, virem accusar a citação e seguir os demais termos do processo até final.

As audiencias fazem-se n'este juizo ás segundas e quintas-feiras de cada semana, por dez horas da manhã, no tribunal da comarca, sito na Praça, d'esta villa, ou nos dias immediatos, sendo aquelles sanctificados.

Ovar, 8 de junho de 1905.

Verifiquei.

O juiz de direito,
Lobo Castello Branco.

O escrivão,

Antonio Augusto Freire de Liz.

(524)

EDITOS DE 30 DIAS

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No Juizo de Direito da Comarca d'Ovar e pelo cartorio do Escrivão Freire de Liz, correm editos de trinta dias, a contar da segunda publicação d'este annun-

cio no «Diario do Governo», citando o interessado Antonio de Oliveira Campos, solteiro, menor, pubere, ausente em parte incerta, para assistir a todos os termos do inventario de menores a que se procede por obito de Maria Gomes dos Santos, moradora, que foi, na rua Velha, d'esta villa, sem prejuizo do seu andamento.

Ovar, 15 de junho de 1905.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

Lobo Castello Branco.

O escrivão,

Antonio Augusto Freire de Liz.

(527)

Editos de 30 dias

2.ª PUBLICAÇÃO

No juizo de direito da comarca de Ovar e cartorio do escrivão Zagallo de Lima, corre seus termos um processo de habilitação de herdeiros, por meio de justificação avulsa, requerido por Gertrudes Rosa de Jesus, viuva, do logar do Carrascal, e Antonio José d'Oliveira e mulher Maria Rosa dos Reis, do logar das Pedras de Cima, todos da freguezia d'Arada, da comarca de Ovar, os quaes allegam: que Domingos José d'Oliveira, que era filho d'outro Domingos José d'Oliveira e da primeira justificante, falleceu no dia 22 d'abril ultimo, no estado de solteiro, sem descendentes mas com ascendente—sua mãe e com testamento publico, no qual deferiu, em harmonia com a lei, á dita sua mãe a successão legitima nas duas terças partes da sua herança, instituindo herdeiro tercenario, o segundo justificante, seu irmão, com as clausulas constantes do testamento; que entre os bens deixados pelo auctor da herança existe uma letra do montante de 3:835\$500 réis, sanada no Rio de Janeiro, Estados Unidos do Brazil, em 10 de maio findo, na Agencia Financial de Portugal, n'aquella cidade, sobre o Banco de Portugal, cujo saque, que tem o numero 144:287, havia de ser pago ao dito Domingos José d'Oliveira, achando-se já o aviso do seu pagamento, remetido pelo Paquete Nile, na recebedoria do concelho d'Ovar; que da herança de Domingos José d'Oliveira foi paga a contribuição de registo por titulo gratuito; que a justificante Gertrudes Rosa de Jesus é viuva e que tanto esta como o justificante Antonio José d'Oliveira, que é casado com Maria Rosa dos Reis, são os proprios mãe e irmão do auctor da herança mencionados no testamento e por tanto partes legitimas para estarem em juizo. E concluem pedindo que seja julgada procedente e provada a justificação e por meio d'ella os justificantes julga-

dos unicos e universaes herdeiros legitimarios e tercenarios do auctor da herança para haverem os bens da mesma e especialmente para poderem receber do cofre da recebedoria do concelho d'Ovar a referida quantia de 3:835\$500 réis proveniente da alludida letra.

Por isso correm editos de 30 dias, contados da ultima publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando todos os interessados incertos que se julgarem com direito á herança para na segunda audiencia do dito juizo, posterior ao prazo dos editos, virem accusar a citação e seguirem os demais termos até final.

As audiencias no referido juizo fazem-se no tribunal judicial sito na Praça d'Ovar, pelas dez horas da manhã de todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados, porque sendo-o fazem-se nos dias immediatos, se não forem tambem sanctificados ou feriados.

Ovar, 8 de junho de 1905.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

Lobo Castello Branco.

O escrivão,

Angelo Zagallo de Lima.

(526)

ANNUNCIO

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo Juizo de Direito da Comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Coelho, correm editos de 30 dias a contar da ultima publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando o interessado Antonio Fernandes da Silva, solteiro, maior, ausente na cidade do Pará, em morada desconhecida, para todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por obito de sua mãe Anna de Sá e Mello, que foi da rua da Ponte, d'esta villa, e em que é cabeça de casal Serafim Antonio da Silva, casado, artista, d'esta mesma villa, e isto sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Ovar, 14 de Junho de 1905.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

Lobo Castello Branco.

O escrivão,

João Ferreira Coelho.

(528)

AVISO

Está patente ao publico, na administração d'este concelho, uma relação dos devedores das contribuições á Fazenda Nacional, pelo prazo de 15 dias, findo o qual, não pagando, serão as mesmas relaxadas e executadas.

Ahi fica o aviso.

HORARIO DOS COMBOIOS

Desde 1 de Maio de 1905

DO PORTO A OVAR E AVEIRO
e vice-versa

HORAS			Natureza dos comboios
S. Bento	Ovar	Aveiro	
MANHÃ	P. 12,34	Ch. 2,21	Tramway
	4,38	6	Correio
	7,4	8,54	Tramway
	10,7	11,57	Tramway
	10,59	12,43	Mixto
TARDE	1,50	3,47	Mixto
	4,19	—	Rapido
	4,41	6,38	Tramway
	6,16	8	Tramway
	8,5	9,30	Correio

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

HORAS			Natureza dos comboios
Aveiro	Ovar	S. Bento	
MANHÃ	P. 3,55	P. 4,54	Tramway
	5,21	5,59	Correio
	—	7,30	Tramway
	8,58	9,48	Mixto
	10,5	11,14	Tramway
TARDE	—	2,10	Tramway
	4,43	5,53	Tramway
	—	7,15	Tramway
	9,5	9,31	Rapido
	9,18	10,19	Correio

Antiga Casa Bertrand
DE
JOSÉ BASTOS

73 e 75—R. Garrett—73 e 75
—LISBOA—

O Rabbi da Galiléa

Sensacional romance popular sobre a vida de Jesus

ORIGINAL DE

Augusto de Lacerda

ILLUSTRADO

Com numerosas gravuras

Caderneta mensal 300 réis

Historia Socialista

(1789-1900)

Sob a direcção de Jean Jaurés

Cada caderneta semanal, de 2 folhas de 8 paginas cada uma, grande formato, com 2 esplendidas gravuras, pelo menos.—**40 réis.**

Cada tomo mensal de 10 folhas de 8 paginas cada uma, grande formato, com 10 esplendidas gravuras, pelo menos.—**200 réis.**

ALMA PORTUGUEZA

A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Grande romance historico

DE

Faustino da Fonseca

com illustrações

de Manoel Macedo e Roque Gameiro

Cada tomo mensal, 200 réis

LIVRARIA EDITORA
Guimarães Libanio & C.^a
108, Rua de S. Roque, 110

—LISBOA—

A RAINHA SANTA

(D. Isabel d'Aragão)

GRANDE ROMANCE HISTORICO

ILLUSTRADO

Com esplendidas gravuras e chromos

Cadernetas semanaes de 24 pag., 60 réis
Tomos mensaes de 120 paginas, 300 réis

EL-REI D. MIGUEL

Romance historico

DE

FAUSTINO DA FONSECA

Profusamente illustrado

Fasciculos semanaes de 16 pag., 40 réis
Tomos mensaes de 80 paginas, 200 réis

A LISBONENSE

Empreza de publicações economicas

35, Trav. do Forno, 35

LISBOA

Traz em publicação:

O Conde de Monte-Christo

Monumental romance de

ALEXANDRE DUMAS

Edição luxuosamente illustrada

Fasciculo de 16 paginas . . . 30 réis
Tomo de 80 paginas . . . 450 réis

VINGANÇAS D'AMOR

Empolgante romance original do celebre auctor do «Rocambol»

PONSON DO TERRAILL

Compõe-se de 5 partes, a saber:

A Mulher do Bandido, Companheiros no Amor, A Dama da Luva Negra, A Condessa de Asti e A Bailarina da Opera.

Illustrações de Silva e Souza

CORIME DE RIVECOURT

Lindissimo romance dramatico de Elilie Berthet

ATRAVEZ DA SIVERIA

Aventuras extraordinarias de tres fugitivos por Victor Tissot e Constante Améro
Illustrada com esplendidas gravuras
Obra no genero de **Jull. Verne**

De cada uma d'estas publicações:

Fasciculo de 16 pag. . . . 20 réis
Tomo de 80 paginas. . . . 400 réis

Brindes a todos os assignantes

EMPREZA DO ATLAS
DE
GEOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua da Boa-Vista, 62-1.º
LISBOA

ATLAS

DE

PORTUGAL E COLONIAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cada fasciculo com um mappa, 150 réis

AFFONSO GAYO

Historia dos Bastardos Reaes

Complemento á Historia de Portugal

Scenas occultas das cortes de de o principio da monarchia, com Illustrações de

Alberto Souza e A. Quaresma

Cada fasciculo. . . . 50 réis

EMPREZA

DA

Historia de Portugal

SOCIEDADE EDITORA

Livraria Moderna — 95, Rua Augusta, 95

A. E. BREHM

MARAVILHAS DA NATUREZA

(O HOMEM E OS ANIMAES)

Descricao popular das raças humanas e do reino animal, edição portugueza larguissimamente illustrada.

60 réis cada fasciculo mensal e 300 réis cada tomo mensal. Assignatura permanente na séde da empreza.

As mil e uma noites

CONTOS ARABES

Edição primorosamente illustrada, revista e corrigida segundo as melhores edições francezas, por Guilherme Rodrigues.

O maior successo em leitura!
20 réis cada fasciculo. Cada tomo **100 réis.**

João Romano Torres

82, Rua de D. Pedro V, 88

LISBOA

BIBLIOTHECA SOCIAL OPERARIA

Rua de S. Luiz, 62

LISBOA

A Rapariga Martyr

GRANDE ROMANCE

DE

Emilio Richebourg

Ornado de chromos e gravuras

Cada fasciculo de 16 paginas. 30 réis
Cada tomo. . . . 150 réis

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160

LISBOA

Ultimas publicações

Casal do caruncho.—Contos por Eduar-do Perez. 1 volume illustrado com 42 soberbos desenhos de José Leite—600 réis.

Sem passar a fronteira.—Viagens e digressões pelo interior do paiz, por Alberto Pimentel. 1 volume de 350 paginas.—500 réis.

Tuberculose social.—Critica dos mais evidentes e perniciosos males da nossa sociedade, por Alfredo Gallis.

I. Os Chibos.—II. Os predestinados—III. Mulheres Perdidas—IV. Os Decadentes—V. Malucos?—VI. Os Politicos—VII. Saphicas.—Cada volume 500 réis.

Ensaio de propaganda e critica, pelo dr. João de Menezes.—I. A nova phase do socialismo. 1 vol. 200 réis.

A giria portugueza.—Esboço de um dictionario de *calão*, por Alberto Bessa, com prefacio do dr. Theophilo Braga.—1 vol. br. 500. enc. 700 réis.

O sol do Jordão.—Versos por Albino Forjaz de Sampayo.—1 vol. 200 rs.

A Mulher de Luto.—Processo ruidoso e singular. Poema de Gomes Leal, 500 réis.

A Morte de Christo.

Os Exploradores da Lua, por H. G. Wells. 1 vol. 600 réis.

Arvore do Natal.—Contos para creanças, por Lazuarte de Mendonça, 200 réis.

Q que é a religião? por Leon Tolstoi, 200 réis.

EDITORES—BELEM & C.^a

R. Marechal Saldanha, 26

A AVÓ

O melhor romance de **Emile Richebourg**

Caderneta semanal de 16 paginas, 20 réis e de 32 paginas, 40 réis.

Cada tomo mensal em brochura, 200 rs.

M. Gomes, EDITOR

Chiado, 61—LISBOA

Todas as litteraturas

1.º volume

Historia da litteratura hespanhola

PARTE I—Litteratura arabico-hespanhola.
PARTE II—Litteratura hespanhola desde a formação da lingua até ao fim do seculo XVI.

PARTE III—Litteratura hespanhola desde o fim do seculo XVII até hoje.

PARTE IV—Litteratura hespanhola no seculo XIX—Poesia lyrica e dramatica.

1 vol. in-32.º de 330 paginas—400 réis

Com um plano d'uma grande simplicidade e ordem, precisão de factos e de juizos e inexcédível clareza de exposição e de lingua, em se condensa n'esse volume a historia de todo o desenvolvimento da litteratura hespanhola desde as suas origens até agora. Livro indispensavel para os estudiosos recomenda-se como um serio trabalho de vulgarisação ao alcance de todos.

NO PRELO

Historia da litteratura portugueza